

## Recua o índice do Brasil em corrupção

País tem bom desempenho na pesquisa de percepção global de crime econômico, em 2009, com índice de 24%, enquanto em 55 países atingiu a média de 30%. ■ P16

# Menos crimes do colarinho branco no Brasil

Pesquisa da consultoria PricewaterhouseCoopers mostra o país entre os menos infratores

**Claudia Bozzo**  
cibozzo@brasileconomico.com.br

A pesquisa global que a consultoria PricewaterhouseCoopers realiza a cada dois anos, sobre crimes econômicos, trouxe uma boa notícia sobre o Brasil em sua edição 2009. O resultado favorável apresentado pelo país é ainda melhor pelo fator de ter se dado em um contexto de crise global, fator que contribui para o aumento de delitos desse tipo no mundo corporativo.

A percepção global de corrupção atingiu um índice de 30%, entre os 55 países que fazem parte da pesquisa e para a qual foram ouvidos 3.037 executivos. E o Brasil, com 24%, teve um desempenho melhor que a média dos Brics (34%), ficando em uma posição bem próxima às dos países que reportaram os menores índices.

“Esse é um resultado que favorece o Brasil, pois nossa pes-

quisa, como outras do tipo, ajuda os responsáveis pelas decisões de investimentos num nível global, a optar por um determinado país”, afirma Mona Clayton, sócia da consultoria.

No ranking geral, o país com o pior resultado foi a Rússia, que chegou a uma percepção de 71%, 12 pontos acima do resultado anterior, de 2007. Mais de metade dos russos que responderam ao questionário disseram que as medidas contra o crime no país foram ineficazes e que nenhum dos setores da economia foi poupado. O resultado coincide com a situação econômica da Rússia, abalada pela queda nos preços mundiais do petróleo. Entre os países com níveis mais elevados de fraudes também estão África do Sul, Quênia, Canadá, México, Ucrânia e Reino Unido.

Essa pesquisa mostra uma fase bastante delicada da economia global, tendo sido realizada enquanto o mundo atravessava uma das mais graves crises dos últimos 60 anos. E o bom desempenho do Brasil nessa época confirma a relação existente entre o aumento de crimes econômicos em tempos mais difíceis.

Segundo relatório da empresa, os entrevistados foram ouvidos sobre questões básicas relativas a fraudes. Além disso, para determinar uma tendência, foram feitas a perguntas específicas sobre ameaças de delito que emergem em uma recessão.

Entre os executivos ouvidos, 62% disseram que suas organizações sofreram queda nas receitas durante os 12 últimos meses. A partir disso, foi possível estabelecer avaliações importantes sobre os tipos e causas de delitos em uma recessão. Entre os crimes incluídos estão a apropriação de ativos das empresas, fraudes contábeis, suborno e corrupção, lavagem de dinheiro, fraude fiscal, negócios a partir de informações privilegiadas, espionagem corporativa e formação de cartéis. ■

Com 24% de percepção de corrupção, Brasil teve média melhor que a dos demais países do grupo dos Brics. O pior resultado global ficou com a Rússia

# Justificativas vão de cortes a pressão

De acordo com executiva, setor financeiro está entre as principais vítimas

As causas que levam os funcionários a cometer delitos vão desde os cortes de pessoal a pressões feitas pelas empresas por melhores resultados. A afirmação é da sócia da consultoria PricewaterhouseCoopers, Mona Clayton.

"A redução nas folhas de pagamento pode reduzir a capacidade de monitorar uma fraude, pois a eliminação de cargos pode fazer com que a pessoa que determina uma despesa em uma empresa seja a mesma a aprová-la, o que não aconteceria com mais camadas administrativas. Infelizmente, os cortes nas equipes colocam mais risco sobre os controles, pois a segregação de funções é um fator que inibe o crime", afirma Mona.

Também a pressão por resultados positivos, associada à oportunidade, gera um terceiro fator, que Mona descreve como racionalização: "Oportunidade mais intenção trazem a racionalização, que é a capa-

cidade de justificar a ação delituosa. Além disso, em um ambiente onde há muitas fraudes, se gera a percepção de que isso é permitido."

Segundo a pesquisa, nenhum setor escapou das possibilidades de fraude, embora um dos mais vulneráveis seja o de serviços financeiros, no caso do Brasil. Segundo a executiva, "essa é uma indústria que entra como vítima nos casos de inadimplência, roubos de cartões de crédito e *internet banking*."

No Brasil, 80% das firmas que responderam ao questionário reconhecem ter sofrido perdas diretas de até US\$ 1 milhão em razão de crimes econômicos, enquanto 13% reconhecem perdas superiores a US\$ 1 milhão em 2009. Na pesquisa de 2007, as perdas diretas foram de até US\$ 1 milhão para 77% das pessoas entrevistadas.

Outra alteração registrada foi quanto à corrupção e/ou suborno, que eram vistos como as fraudes mais comuns em

2007 para uma parcela significativa, tanto no Brasil (19%) quanto no resto do mundo (22%). Em 2009, apenas 7% dos executivos que responderam à pesquisa no Brasil tinham vivenciado casos desse tipo nos últimos 12 meses. Mas a estatística manteve-se alta tanto em casos globais (27%) quanto para o Bric (39%). A alteração pode ser atribuída, segundo o relatório, "às oscilações na capacidade dos entrevistados brasileiros de racionalizar sobre questões referentes a corrupção e suborno. ■ C.B.

## OUTROS RESULTADOS

● O perfil do fraudador está mudando rapidamente. Crimes cometidos pela média gerência avançaram fortemente, para 42% de todas as fraudes internas. Eram 26% em 2007.

● Os delitos cometidos por executivos de nível médio podem ser vistos no contexto de pressões financeiras cada vez maiores no atual clima de crise.

● Os métodos de detecção mais comuns são auditorias internas, denúncias de funcionários, segurança corporativa ou administração de risco de fraudes. Em muitos casos, as descobertas são por acaso.

● Roubo de ativos, fraude contábil e roubo de dados foram os mais citados nas respostas sobre quais os tipos de problemas que as empresas deverão enfrentar ao longo dos próximos 12 meses.